

# De pés descalços e com muita fé: a passagem de Hilda Serpa em Rebouças (PR) nos anos de 1960

*Barefoot and with a lot of faith: the passage of Hilda Serpa in Rebouças/PR in the 1960s*

ÉRICA KARINA SILVA

Mestranda em História e Regiões (UNICENTRO)

E-mail: [ekarina.ek8@gmail.com](mailto:ekarina.ek8@gmail.com)

---

**Resumo:** O presente trabalho parte das reflexões sobre quem são os sujeitos históricos, modificando a concepção de história positivista que considerava apenas a história dos grandes feitos e os grandes nomes, a história dos “vencedores”. Nessa perspectiva, este estudo propõe analisar a influência que sujeitos ditos “comuns” desempenharam em regiões interioranas do Brasil, mais especificamente em Rebouças, no interior do Paraná. O sujeito dessa reflexão é a beata Hilda Serpa, uma mulher que peregrinava de Nonoi (RS) rumo a Aparecida do Norte (SP) e, em sua trajetória, arrastou multidões que acreditavam que a ela teria uma essência de santidade, recorrendo a ela para aliviar suas dores e sofrimentos. Nesse sentido, empenhar-nos-emos em compreender como esta mulher influenciou a religiosidade e o cotidiano da população reboucense na época, influência essa que pode ser sentida até os dias de hoje.

**Palavras-chave:** História Local. Religiosidade. Cotidiano.

**Abstract:** The present work starts reflecting on who are the historical subjects, changing the conception of positivist history, which considers only the history of great deeds and great names, the history of the winners. From this perspective, this study proposes to analyze the influence that so-called common subjects played in inland regions of Brazil, specifically in Rebouças, in the interior of Paraná. The subject of this reflection is the blessed Hilda Serpa, a woman who went on pilgrimage from Nonoi (RS) to Aparecida do Norte (SP) and, in her trajectory, dragged crowds who believed she had an essence of sanctity, turning to her to relieve their pain and suffering. In this sense, we will strive to understand how this woman influenced the religiosity and the daily life of the population of Rebouças at the time, an influence that can be felt today.

**Keywords:** Local History. Religiosity. Daily.

---

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ensaiei diversas vezes como iniciar a discussão desta pesquisa; inúmeras vezes refleti sobre o conjunto de palavras a serem escolhidas para o ato de comunicar e, por inúmeras vezes, não obtive sucesso, então deixei-a de lado para retomar quando “uma inspiração” me tomasse o pensamento. Passados dias imersa em meu objeto de estudo, lembrei-me de uma das aulas do primeiro ano da graduação em História, quando o professor Campigoto nos fazia refletir sobre o que é um fato, perguntando-nos o porquê de a história de Dom Pedro ter mais relevância do que uma história de nossos avôs, e ele

respondia que isso era devido ao olhar de quem vê a história, de quem narra os fatos, dando-lhes a importância que o devido observador lhes acha necessária.

Aquelas palavras sempre pairavam minhas reflexões, todavia não fazia sentido que uma história “comum” tivesse mais relevância que uma história “importante”. A noção que ainda tinha de história estava muito ligada ao que foi ensinado durante os anos do ensino fundamental e médio, uma história que narra de forma cronológica os fatos e personagens principais da ação do homem no tempo. Porém, essa ideia foi, com o conhecimento histórico adquirido, se dissipando, mostrando que um acontecimento ou um fato se torna histórico a partir da ótica do observador/narrador.

Nesse contexto, comecei a refletir sobre como determinados acontecimentos de nossa história chegavam às pessoas, qual a carga emocional, cultural e como interferiam em suas vidas. Tal reflexão partiu do contexto vivido, como os “grandes acontecimentos” do Brasil chegavam a regiões interioranas, como é o caso da região sudeste do Paraná, ou como isso impactou o modo de vida dos habitantes dessa região? Resolvi então questionar alguns moradores mais idosos se eles lembravam como era a vida durante o regime militar, e muitos deles afirmavam que viviam da mesma forma, sem mudanças. Ou seja, um acontecimento nacional, com cooperação internacional e fortemente sentido em grandes centros urbanos, pouco mudou a vida das pessoas de algumas das regiões interioranas; nomes como Emílio Médici e Carlos Alberto Brilhante Ustra lhes eram praticamente desconhecidos.

Na contramão, estavam pessoas que, ao falarem sobre o mesmo período, lembravam-se vividamente de pessoas “comuns”, que muito fizeram pelo seu povo, seus iguais, como ouvi muitos relatos sobre benzedores como Albino Gonçalves, João Padilha, Cláudio Sinhori e a beata Hilda Serpa, a personagem de nosso estudo. Poderia dizer que “descobri” a história da beata Hilda durante as incursões em documentos para a dissertação de mestrado, todavia estaria aqui narrando uma bela história inverídica. Meu primeiro contato com a história da beata foi muito anterior ao mestrado, porém o interesse na história da beata surgiu a partir do egresso no programa.

Ao tratar da trajetória de Hilda Serpa poderia começar reiterando que sobre a beata poucos vestígios foram encontrados, há poucos registros, contudo, na memória de muitos reboucenses, sua lembrança é vivida e sua influência no cotidiano dessas pessoas muito presente. Nesse sentido, a presente pesquisa busca compreender como a passagem de Hilda Serpa, uma mulher de vida humilde, que possuía como única arma a fé, influenciou o modo de compreender e conceber o mundo e, da mesma forma, ressignificou a crença de um povo que parecia ter perdido a esperança.

## **2 ROGAI A DEUS COM FÉ E ALCANÇARÁ: AS MÚLTIPLAS VERSÕES SOBRE HILDA SERPA**

Numa manhã, de um certo dia, quando as luzes de um sol radiante brilhavam sobre as mentes daquele povo, chegou uma notícia quase que desagradável, a respeito de uma mulher que vinha de muito longe, cujas características era como se fosse uma santa, pisava sobre as pedras e nada fazia mal aos seus pés, e jamais calçaria uma sandália ou

um sapato confortável, quase não comia, fazia milagres e curas, aliviando a carga espiritual de cada ser que a procurava (SARRAFF, 2006, p.10).

A fé é um fenômeno presente em todas as sociedades, seja expressa por meio das manifestações tradicionais da religião, seja expressa por meio da religiosidade popular. Percebe-se aqui ambas expressões de forma distinta; como apontam Camboim e Rique (2010), a religião seria o crédito em um poder criador e controlador do Universo, que possibilita a ressurreição após a morte, já a religiosidade consolida-se como o seguimento, a prática da religião. Aproximando-nos da distinção feita pelos autores, percebe-se que a peregrinação de fé empreendida por Hilda enquadra-se na prática da religiosidade, uma vez que esta reconhecia o poder criador divino, porém extrapolava a prática da religião em um espaço, disseminava-se pela e na ação dos sujeitos.

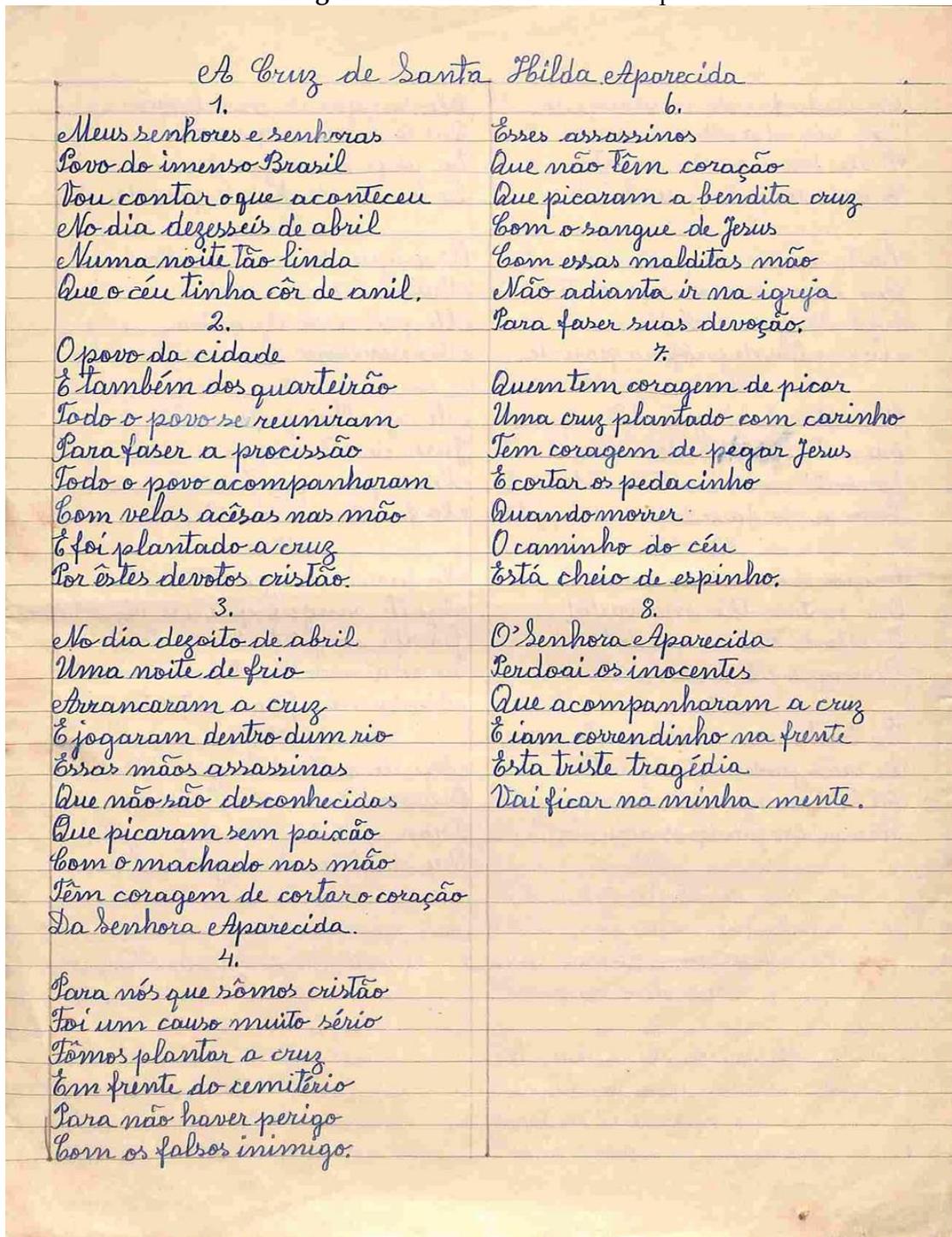
Durante grande parte do período de pesquisa e imersão nas temáticas envolvendo as práticas religiosas, acreditei que o primeiro registro sobre a passagem da beata na região era o documento da Divisão de Segurança e Informações da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Paraná de 1966, ano em que Hilda foi detida. Todavia, recentemente em contato com o Fundo Arquivístico Albino Gonçalves no Centro de Documentação e Memória (CEDOC), da Unicentro, foram encontradas, entre as fontes, décimas<sup>1</sup> escritas por Albino (também décimas de autores desconhecidos); entre elas, está “*A cruz de santa Hilda Aparecida*”, uma décima que, de forma resumida, retrata a passagem da beata pela cidade.

Vejamos:

---

<sup>1</sup> As décimas são estrofes com dez versos, na qual os versos podem ser heptassílabos ou decassílabos, podendo aceitar outras métricas. Na definição de Rodrigues (2021, p. 89), a décima consiste em narrar um acontecimento ou situações cotidianas por meio de versos rimados.

Imagem 1: Décima sobre Hilda Serpa<sup>2</sup>



Fonte: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA (CEDOC/I) – Fundo Arquivístico Albino Gonçalves – 1906-1988. Consulta realizada em outubro de 2022.

<sup>2</sup> Acervo disponível para consulta no Centro de Documentação e Memória (CEDOC) da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO, campus de Irati.

A décima registrada por Albino narra os últimos dias que Hilda esteve em Rebouças e como sua passagem pela cidade influenciou significativamente a vida dos moradores. Segundo denúncia feita junto ao DOPS do estado do Paraná, a beata chegou a reunir em uma procissão aproximadamente 5.000 pessoas, incluindo munícipes e moradores de cidades vizinhas. A presença de Hilda na cidade, ao mesmo tempo, causava medo aos conservadores que tentavam manter a ordem religiosa e política que imperava na época e trazia esperança às pessoas de condições de vida mais humildes. É nesse contexto que as acusações à Hilda são referidas.

De acordo com o documento:

Hilda Aparecida Serpa, dizendo ter tido sonhos reveladores, partiu de Nonoi, Rio Grande do Sul, sendo que em atenção a ditame de “ordem divina”, deveria seguir a pé para a cidade paulista de N. S. Aparecida e depois ir até Jerusalém, pregando uma doutrina própria, tendo conseguido reunir um número razoável de adeptos, lançando mão de mistificações, orações, sermões (impróprios segundo a gravação encaminhada ao DOPS), plantando em locais pré-estabelecidos uma cruz, símbolo da fé de seus seguidores. Viajando em trechos curtos, era óbvio que, ao chegar em outro local, sua fama já estava propalada, com adeptos locais, que lhe facilitavam o trabalho. (ACERVO DIGITAL DA UFPR).

O período em que Hilda esteve em peregrinação foi um dos mais conturbados da história brasileira. Com o golpe ocorrido em 1964, iniciou-se o endurecimento às leis, sendo que todo e qualquer cidadão que destoasse do novo padrão de conduta nacional passava a ser visto como uma ameaça. Apesar da nova rigidez altamente sentida nas grandes cidades, os pequenos municípios do interior passavam quase despercebidos, a não ser quando um acontecimento novo que poderia abalar as estruturas da nova ordem ocorria. Podemos dizer que o evento que abalou a ordem regente da época em Rebouças foi a hospedagem de Hilda na cidade.

No ano de 2006, Carlos Sarraff, membro da Academia de Letras, Artes e Ciências de Guarapuava, empenhou-se em escrever o livro *“Cinzas do Passado”*, no qual narra a passagem de Hilda pela região do sudeste paranaense e, de forma enfática, sua estadia no município de Rebouças. Segundo o próprio autor, ele mesmo presenciou os fatos ocorridos. Fazendo uso de nomes fictícios, Sarraff apresenta ao leitor Eli e Celso, um casal de noivos que aguardavam a melhora de saúde da noiva para realizarem o casamento.

Segundo a narrativa do autor, Eli sofria de fortes dores nas costas e já havia passado por inúmeros médicos, sendo que nenhum sabia explicar o porquê das dores ou indicar a cura para elas e seu caso estava ficando cada vez mais delicado. Nesse momento, Eli e sua família ouvem falar de uma mulher que estava em Santa Catarina viajando a pé do Rio Grande do Sul; logo a moça decide que quer ir ao encontro dessa mulher. Celso, seu noivo, é filho de uma viúva extremamente católica que, ao saber da

atitude da futura nora, passa a desaprovar o casamento e a relatar os acontecimentos ao pároco local.

De acordo com Sarraff (2006), a notícia da chegada de Hilda à cidade de Rebouças passa a trazer esperança aos moradores, bem como preocupação ao pároco que temia pela diminuição de fiéis em suas missas para irem ao encontro da “santa” como o ele mesmo proferia. Os temores do padre se confirmam e com mais frequência era possível perceber a diminuição de fiéis nos encontros para a celebração da santa missa, no mesmo momento em que eram cada vez maiores as aglomerações nas ruas para encontrar a beata.

O padre e alguns dos mais fervorosos religiosos da época acusavam a beata de se autointitular santa, porém, como Sarraff aponta, tal acusação é inverídica, pois ela sempre deixava claro que estava apenas a cumprir uma promessa que havia feito.

*Vim cumprir uma promessa. Com a intercessão de Nossa Senhora, Deus salvou minha filha caçula, que se encontrava enferma, porque ela sarou estou cumprindo minha promessa. O povo quer traduzir meu sentimento de fé em santidade, isso não é verdade, falo dia-a-dia que não sou santa, mas não querem me escutar, pegam em minhas vestes cumpridas e dizem que os faz bem, mas se fazem o que posso fazer, a não ser entregar nas mãos do Senhor (SARRAFF, 2006, p. 41 – destaque do autor).*

Nesse ponto, é possível perceber a diferença entre a história narrada por Carlos Sarraff com a história relatada no documento do DOPS-PR. Tamanha diferenciação nas narrativas está relacionada a quem se propõe a contar a história. A denúncia feita junto à Divisão de Segurança e Informações da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Paraná partiu de um grupo de pessoas que viam na beata uma ameaça à conjuntura da época; segundo esse mesmo grupo, a grande maioria dos seguidores de Hilda eram pessoas simples, mas influenciáveis, como segue na denúncia:

Lideraram a massa, instigando-as a atitudes não menos recomendáveis, nos moldes dos agitadores profissionais devidamente comandados, os srs.: Osvaldo da Cruz<sup>3</sup>, Bonifácio Aras (vereadores), Enrico Brás (guarda cível aposentado), Emiliano Álvarez, Tonico Pereira e Ludovico Guerra (ferroviários), norteando-se ainda, perfeita submissão destes elementos ao prefeito local. Os seguidores de Hilda Serpa, era gente simples, humilde e que assim agiam unicamente por ignorância, totalmente influenciáveis, que estavam sendo conduzidos a atividades alheias àquelas que de início se propuseram, mormente contra católicos locais e elementos simpáticos à atual política do país (ACERVO DIGITAL DA UFPR).

---

<sup>3</sup> Os nomes aqui citados foram modificados, compreendendo que as famílias dos citados podem não se sentirem bem com a questão; também os envolvidos não podem debater sobre o ocorrido.

O registro apresentado na denúncia deixa claro que a resistência e recusa à presença da beata na cidade derivam da apreensão causada a uma camada de católicos assim como de um grupo político favorável ao regime da época. Na cidade havia benzedores e rezadores que costumavam se reunir para rezas do “santo terço”, todavia notou-se que passaram a tomar determinados cuidados, como podemos ver no caso do senhor Albino, estudado por Rodrigues:

Há uma autorização entre as fontes, datada de 08 de agosto de 1977, em que o delegado de polícia Antônio Azambuja Neto concede a licença pública para que ele pudesse rezar o “santo terço” na cidade de Rebouças e em todos os quarteirões do município. Mas isso não é tudo. O padre vigário Teófilo Feierabend também concede autorização ao rezador, no mesmo documento sob a condição de que a reza deveria “*não dar aparência de formar locais de peregrinação*” no município (RODRIGUES, 2021, p. 123).

A precaução tomada pelo benzedor, assim como o teor da autorização dada pelo vigário, é em parte resultante do ocorrido há anos atrás quando a beata deixara a cidade. Rodrigues (2021) esclarece ainda que, além da autorização dada tanto pelo delegado quanto pelo pároco, o benzedor também solicitava uma permissão escrita das famílias onde o terço ocorria; tal atitude era, segundo o autor, para dar mais transparência à prática.

Albino guardou pelo menos 03 (três) cadernos de assinaturas contendo registros de permissão para que as orações fossem feitas [...] não tinha representatividade legal, mas garantia a transparência da prática. A oposição do nome dava o respaldo, mas a responsabilidade sobre o conteúdo cabia ao rezador (RODRIGUES, 2021, p. 123).

O autor esclarece que tais precauções eram tomadas, pois, com a nova conjuntura, ações de fiscalização a pessoas e grupos contrários ocorriam frequentemente e “qualquer aglomeração de pessoas sem o devido conhecimento das autoridades locais e regionais poderiam resultar em problemas” (RODRIGUES, 2021, p. 123). Assim como Mariano (2003) reflete sobre o dito por Nicolau Eymerich, de que nos tribunais medievais da inquisição poderia ir à tortura aquele que tivesse uma acusação de heresia contra si, nas ditaduras americanas poderia ir à tortura aquele que fosse suspeito de discordar, acrescentaria, ainda, aqueles que fossem suspeitos ou acusados de esperarçar.

### 3 A BEATA, AS LEMBRANÇAS E O LEGADO

Diversas foram as tentativas para expulsar Hilda de Rebouças. Apesar de a beata não permanecer nem mesmo um mês na cidade, sua estadia modificou profundamente o modo de vida dos reboucenses. As armações e difamações

disseminadas pela cidade a respeito da beata tiveram como idealizadores religiosos da época, segundo Sarraff (2006, p. 142), além do vigário, estavam médicos, promotores e dentistas.

Os esforços empreendidos para que Hilda saísse da cidade tiveram resultados em meados de abril de 1966, quando ela deixou a cidade rumo à vizinha Irati. A partida da beata ocorreu devido às diversas investidas do grupo conservador local, que, por vezes, tentaram assustá-la e a seus seguidores, tendo como um dos casos mais sérios a tentativa de “bagunçar o coreto [...] levando bombas e pó de mico para espalhar no local” (SARRAFF, 2006, p. 145).

Temendo o bem-estar físico de seus seguidores locais, Hilda decide que é hora de seguir viagem, mas não antes de uma última ação: uma procissão até o cemitério municipal para implantar uma cruz, símbolo da fé cristã. A beata era uma mulher querida por muitos, sendo que a procissão era como um “mar de cabeças”<sup>4</sup>. “Aglomerou-se um povo de mais de doze mil pessoas<sup>5</sup>, todos não podiam alimentar-se no restaurante, comiam na casa do seu Miguel. Outros traziam alimentos de suas casas, todos estavam contentes” (SARRAFF, 2006, p. 159).

O carinho sentido pelos mais humildes por Hilda pode ser entendido como uma forma de identificação, uma vez que a beata era vista como uma pessoa humilde, que fazia parte do povo e, como este sofria dos mesmos desassossegos e aflições, mas encarava a vida buscando dividir o que tinha, nesse caso a fé, e em sua peregrinação o que lhe presenteavam compartilhava com todos, sem distinção.

Multidão de mulheres vinham trabalhar com dona Hilda, algumas faziam comida, outras costuravam roupas para dar aos necessitados, os mais carentes levavam as sobras que restavam de alimentos para suas casas. Quanto mais ela fazia suas caridades, mais comidas chegavam de todos os lados. Avistava uma fila de carroças descarregando produtos da lavoura de cada colono, tinha milho, feijão, carne, leite. Os comerciantes eram a favor de dona Hilda, davam açúcar, sal, batatas, frutas em geral. Todos saboreavam montes de alimentos, os quais eram distribuídos no fim da noite, aos mais necessitados (SARRAFF, 2006, p. 140).

Em entrevista, dona Glória, benzedeira reboucense de 83 anos, relatou que lembra de quando era pequena e com seu avô vinha até o centro da cidade visitar a beata: “o meu avô trazia, aquele tempo ele era vivo, canso de trazer mantimento pra ela [...] Eu

---

<sup>4</sup> Expressão utilizada por Carlos Sarraff para se referir ao número de pessoas que seguiam na procissão.

<sup>5</sup> Os dados apresentados por Sarraff diferem-se dos dados apresentados junto a denúncia feita ao DOPS/PR, todavia deve-se ressaltar que a denúncia data do mês de março de 1966 e a implantação da cruz no cemitério municipal ocorreu em abril do mesmo ano. Dessa forma, mesmo os dados sendo diversos, é possível afirmar sem sombra de dúvida que a estadia da beata na cidade aglomerou ao longo das semanas um número aproximado de doze mil pessoas ao todo.

lembro, vi meu avô proziá com ela, ela fazia venzimento pra ele, ele pedia né”<sup>6</sup>. Assim como dona Glória, benzedeadas como dona Guina<sup>7</sup> e dona Dora<sup>8</sup>, também entrevistadas durante o período da pesquisa, recordam-se de deslocarem-se de suas residências na zona rural do município para irem ao encontro da beata:

[...] tenho até foto. Eu vim, tava esperando o primeiro nenê, tava com os pé inchado que nossa, daí nós viemos, daí eu me lembro, a gente chegava lá onde ela tava, ela passava a mão, eu contei que tava esperando nenê, que faltava pouco tempo e tava com as perna inchada, ela passou a mão bem nos meus pé assim (gestos), daí ela rezando passava a mão onde a gente tava cá dor (CAVALHEIRO, Agda Andrade. Entrevista).

Ainda em sua fala, dona Guina relata acerca da implantação da cruz em frente ao cemitério e, como passados apenas dois dias, derrubaram-na, porém outra cruz foi feita e substituída em seu lugar. De acordo com a entrevistada, as pessoas que derrubaram a primeira cruz sofreram graves consequências:

[...] mas aquele homem que cortou a cruz lá diz que ficou paralítico, não pegava nada, cortou com o machado [...] quem que fez o tal machado, arrumo foi o Leocádio e daí dali pra cá, o Leocádio quebro-se, daí nossa senhora, fico de arrasto, ele era muito bem de vida até aquele tempo [...] o Bastião que foi ajuda a leva lá pra corta a cruz e joga no mato, também morreu num trágico acidente, morreu logo né, dizem que era castigo do que ele fez (CAVALHEIRO, Agda Andrade. Entrevista).

O fato narrado por dona Guina paira na crença da população municipal. Assim como ela, muitos acreditam que as pessoas culpadas pelo ato tiveram de alguma forma em suas vidas consequências negativas.

Hilda Serpa foi presa logo após sair de Rebouças na região de Riozinho, comunidade limítrofe entre Rebouças e Irati. Não foram encontradas entre as fontes documentos que precisem a data de sua prisão, porém, de acordo com os documentos do DOPS/PR e com a inscrição na cruz plantada em frente ao cemitério, em pé até o

---

<sup>6</sup> RODRIGUES, Glória Malaquias. Entrevista concedida à Érica Karina Silva em 22 de agosto de 2022.

<sup>7</sup> Tanto Agda quanto Dolores são conhecidas na cidade por seus apelidos: dona Guina e dona Dora, respectivamente, nesse sentido, optou-se também por usar seus “apelidos”, para referi-las.

<sup>8</sup> Importante ressaltar que todas as entrevistas aqui apresentadas receberam parecer positivo junto ao Comitê de Ética. Da mesma forma, como trabalhamos com sujeitos optamos por manter os nomes reais, obviamente com a autorização das entrevistadas, modificando somente o nome das pessoas que as mesmas inserem na narrativa. Saliento ainda que todas as entrevistas apresentadas foram transcritas de acordo com o modo de falar das entrevistadas, não modificando sua forma de expressão.

presente momento, acredita-se que sua prisão tenha ocorrido entre o final do mês de abril e início de maio de 1966. Como já mencionado, a beata foi presa em Riozinho e, assim como na narrativa de dona Guina sobre as consequências negativas para aqueles que derrubaram a cruz, muitos cidadãos acreditam que o trecho entre as cidades, no qual a beata foi presa, tornou-se “amaldiçoado”, acontecendo inúmeros acidentes fatais no local.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não estamos aqui tentando provar a veracidade ou inveracidade da crença das pessoas nas consequências aos que de alguma forma tentaram contra a beata. O objetivo desta pesquisa centrou-se em compreender como essa mulher de vida simples, que tinha apenas a vontade de oferecer sua fé, adentrou o imaginário e o cotidiano de uma cidadezinha no interior do Paraná e do Brasil, perpetuando sua história às gerações posteriores. A mensagem deixada por Hilda às pessoas não foi sobre vingança ou acerto de contas, mas sim sobre amor e esperança.

A formação do município de Rebouças, assim como de suas comunidades rurais, de acordo com Nerone (2015), ocorreu como um processo de fuga, pessoas se embrenhavam pelos sertões na tentativa de fugir das revoluções como a Revolução Federalista. “Minha avó Felicidade veio a pé para esse lugar, fugindo da Revolução da Lapa” (NERONE, 2015, p. 68).

O que até então era tido como sertão tornou-se uma comunidade e posteriormente uma cidade movida à esperança de novos recomeços e sem medo. Nesse contexto, a região de Rebouças recebeu pessoas advindas de diversas áreas do estado do Paraná, recebendo também heranças da Campanha do Contestado, entre elas a crença no Monge João Maria. Importante para esta pesquisa mencionar sobre a herança da Campanha do Contestado na região, pois se acredita que o monge em suas peregrinações esteve na cidade e assim como a beata Hilda ganharam respeito e devoção durante sua peregrinação. Vaz (2006), em “As benzedeadas de Irati: suas experiências com o mundo, e o mundo da benzeção”, ao tratar da passagem do monge pela região, afirma que, além dos conhecimentos do peregrino, suas mensagens carregavam um fundo moral e cristão, com, por exemplo, não se deve menosprezar os pobres.

Pode-se estender a afirmativa de Vaz (2006) para a mensagem transmitida por Hilda. A beata, no pouco tempo em que esteve na cidade, demonstrou, por meio de sua fé e seu exemplo de vida, que se deve fazer o que é correto e sempre que possível ajudar o próximo. Missão essa que muitas vezes se mostrava difícil, mas a beata procurou cumpri-la.

Diversas são as narrativas para o final da peregrinação da beata. Como as fontes mostram, ela foi presa, todavia não se encontrou nenhum outro documento sobre Hilda posterior a sua prisão. Sarraff (2006), no epílogo de seu livro, narra que tempo depois do ocorrido, ela teria passado pela cidade, dizendo ter cumprido a promessa de ir até Aparecida do Norte e estaria voltando para sua terra natal. Alguns moradores do

município dizem não ter conhecimento, afirmando que nunca mais se soube nada sobre Hilda Serpa, se realmente cumpriu sua promessa ou se findou seus dias presa<sup>9</sup>.

Segundo Sarraff, a beata dizia: “*Quando eu for embora, tudo se apagará, restarão apenas as cinzas do passado*” (2006, p. 180 – destaque do autor). Entretanto, Hilda estava enganada, sua história não se apagou, está vividamente guardada na memória e nas práticas de muitos reboucenses, sendo muito comum ir até o cemitério para acender uma vela em frente a cruz, a cruz de Hilda. Da mesma forma, também é comum ouvir histórias de pais e avôs a seus filhos e netos de um período em que uma mulher de pés descalços e apenas com uma cruz na mão peregrinava, que nada tinha, mas que tudo dividia.

## REFERÊNCIAS

ACERVO DIGITAL DA UFPR. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/65198>. Acesso em: 17 out. 2022.

CAMBOIM; A.; RIQUE; J. Religiosidade e espiritualidade de adolescentes e jovens adultos. **Revista Brasileira de História das Religiões**, [S. l.], v. 3, n. 7, 11, 2010. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30336/15921>. Acesso em: 25 jul. 2022.

CAVALHEIRO, A. A. **Agda Andrade Cavalheiro**: depoimento [17/01/2022]. Entrevistadora: Érica Karina Silva. Rebouças (PR), 2022.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA (CEDOC/I). **Fundo arquivístico Albino Gonçalves – BR. PRUNICENTRO.PI013**. Irati, 1906-1988.

MARIANO, N. **As garras do condor**: como as ditaduras militares da Argentina, do Chile, do Uruguai, do Brasil, da Bolívia e do Paraguai se associaram para eliminar adversários políticos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NERONE, M. Ma. **Sistema faxinal**: terras de plantar, terras de criar. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2015.

RODRIGUES, G. M. **Glória Malaquias Rodrigues**: depoimento [22/08/2022]. Entrevistadora: Érica Karina Silva. Rebouças (PR) 2022.

RODRIGUES, P. G. **Espaços praticados**: a história de Rebouças a partir do homem ordinário. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2021.

---

<sup>9</sup> Após a elaboração deste trabalho, o programa Plug da rede RPC de televisão exibiu uma reportagem sobre a cidade de Rebouças. Na reportagem, foi relatada a passagem da beata pela cidade e, posteriormente, familiares da requerida entraram em contato com os idealizadores do programa afirmando que Hilda Serpa, apesar da idade avançada, ainda está viva.

DE PÉS DESCALÇOS E COM MUITA FÉ:  
A PASSAGEM DE HILDA SERPA EM REBOUÇAS (PR) NOS ANOS DE 1960

SARRAFF, C. **Cinzas do Passado**. Guarapuava: Gráfica Impreset, 2006.

VAZ, V. **As benzedoras da cidade de Irati**: suas experiências com o mundo e o mundo da benzeção. 2006. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/12937>. Acesso em: 20 out. 2022.